

## **PELOTAS NA RUA: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DAS MOBILIZAÇÕES DE 2013**

**JORDANA GONÇALVES RAMALHO<sup>1</sup>; MARIANA DOS SANTOS ESCOBAR<sup>2</sup>;  
SIMONE DA SILVA RIBEIRO GOMES<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jordanaramalhohp@gmail.com](mailto:jordanaramalhohp@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [marianadsescobar@gmail.com](mailto:marianadsescobar@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [s.ribeirogomes@gmail.com](mailto:s.ribeirogomes@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O ano de 2013 foi marcado pelo início de um novo ciclo de protestos que tomou o país, com ápice em junho. O projeto de pesquisa “Transformações do ativismo no Brasil: junho de 2013 em perspectiva comparada” objetiva compreender os sentidos destas manifestações como um marco de transformações sociais em nível nacional. Para isso, foram pesquisadas seis cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Vitória, Goiânia, Porto Alegre, Belo Horizonte e Pelotas.

Pelotas, a única não capital analisada, está localizada na região sul do Rio Grande Sul. A cidade possui uma população de 328.275 pessoas, (IBGE, 2010), sendo a terceira maior do estado em população, com uma grande parcela de jovens universitários. Seu reconhecimento econômico e histórico decorreu da produção de charque e doces.

O objetivo desse texto é analisar algumas das convergências e divergências da cidade de Pelotas no cenário nacional frente ao panorama intenso de manifestações, no ano de 2013. Nosso referencial teórico será notadamente relativo às abordagens da Sociologia dos Movimentos Sociais (Bringel, 2013; Castells, 2013 e Gohn, 2014), além de contribuições da Sociologia Política (Tatagiba, 2014 e Gerbaudo, 2012).

### **2. METODOLOGIA**

Após revisão bibliográfica sobre a literatura produzida no Brasil acerca do ciclo de protestos iniciados em 2013, a partir de banco de dados organizados pelo projeto, iniciou-se a parte empírica da pesquisa qualitativa. A inclusão de Pelotas na análise se deu por conta do número de manifestantes nunca antes visto na cidade, pós redemocratização. Ademais, o ato do dia 26 de junho foi registrado como o maior no estado do Rio Grande do Sul<sup>1</sup>.

Em Pelotas, foram coletadas e analisadas 209 reportagens do *Diário Popular*, abrangendo todas as publicações que fizessem menção ao ciclo de protestos de junho, com ênfase na mobilidade urbana, investimentos na copa do mundo, precariedade dos serviços públicos, entre outros assuntos relevantes. A escolha do *Diário Popular* como principal fonte de pesquisa, ocorreu em razão do jornal possuir 129 anos de atividades na cidade; periódico de circulação diária, possibilitando a análise dos desdobramentos e narrativas que envolveram junho de

---

<sup>1</sup> Segundo o G1, em reportagem do dia 26/06/2013 Fonte:

<http://g1.globo.com/manifestacoes/2013/videos/t/rio-grande-do-sul/v/pelotas-rs-tem-o-maior-protesto-desta-quarta-feira-no-estado/2657472/> Acesso em 15 de setembro de 2019.

2013 em uma atmosfera emblemática de contestação e revolta popular. O banco de dados do jornal abarcou o intervalo entre os meses de abril a dezembro de 2013.

Por meio do mapeamento do periódico e da análise de seu conteúdo foram eleitas as colunas e seções que discorriam acerca do tema em 2013. Nesse sentido, as seções de *Curtas do Leitor*, *Instantâneos*, *Agência Estado* (notícias de âmbito nacional), as colunas de opinião de *Carlos Eduardo* e *Espeto Corrido*, artigos de reportagem, o *Editorial* e as charges – ferramenta visual de análise do contexto político o qual a publicação se situa – foram selecionadas como eixos de investigação.

O acervo bibliográfico acerca dos eventos de protesto em Pelotas em 2013 encontra-se em fase de construção. Uma análise exploratória foi realizada nas redes sociais, notadamente o *Facebook*, afim de compreender de que forma eram chamados e organizados os atos, assim como quais as pautas defendidas. A página “*Pelotas na Rua*”, foi responsável por convocar eventos, assembleias organizativas, e dois dos grandes atos públicos: no dia 26 de junho e 11 de julho. Está em construção, também, um banco de imagens dos protestos em Pelotas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente articulados pelo *Movimento Passe Livre*, organização da cidade de São Paulo, em resposta ao aumento da tarifa em 20 centavos, os protestos possuíam pautas relacionadas à isenção da passagem do transporte público, o acesso à cidade e a mobilidade urbana. Em Pelotas houve o diferencial do então prefeito Eduardo Leite (PSDB) ter reduzido a passagem do transporte público em 15 centavos, dia 19 de junho de 2013. Uma manifestação previamente convocada para o dia seguinte, mesmo com a diminuição, se manteve com pautas referentes ao aprimoramento de serviços públicos, manifestadas através dos cartazes levados aos atos. Entre elas estavam a licitação do transporte público, melhorias estruturais nas paradas de ônibus e acessibilidade nas frotas. A edição do dia 21 de junho de 2013 do *Diário Popular* informou que, segundo estimativa da Brigada Militar, 12 mil pessoas foram às ruas no dia 20 de junho de 2013, a maior manifestação já registrada na cidade, até então.

Com a midiática dos protestos e sua subsequente propagação a outras cidades do país, a sociedade civil encontrou nas mobilizações um espaço de contestação de ampliação da capacidade de intervenção da sociedade sobre a política, compondo a agenda de eventos capazes de romper a rotina da política institucional (TATAGIBA, 2014). Os manifestantes utilizaram-se dos espaços de protesto para pautar suas indignações acerca dos rumos que idealizavam para a política brasileira. Para Bringel (2013), a indignação, à época, era difusa e polarizada, com sentimentos contraditórios expostos nas manifestações.

Frase marcante observada nas mobilizações foi o *slogan* “*O Gigante acordou*” referente à continuidade dos grandes atos de protesto do passado como o “*Movimento Diretas já!*” e o “*Movimento Ética na Política*”, este último popularizado como “*Fora Collor*”. Devido à efervescência do momento político vivido em 2013, outros bordões eram utilizados para expressar tal indignação como “*Saúde padrão Fifa*”, que faz referência à Copa do Mundo no Brasil, “*Sáimos do Facebook*”, também encontrados em outros protestos, como a Primavera Árabe e o movimento dos Indignados na Espanha.

O perfil dos manifestantes, divulgados pela pesquisa IBOPE realizada em sete capitais brasileiras no dia 20 de junho de 2013, incluía:

[...] 62% dos manifestantes, que participaram das passeatas do último dia 20, souberam do evento pelo Facebook. [...] O engajamento nas redes sociais foi realmente grande. De acordo com os dados, 75% dos manifestantes convocaram outras pessoas para participar das manifestações pelo Facebook e Twitter. (IBOPE, 2013)

As redes sociais também influenciaram na organização e divulgação dos protestos em Pelotas, assim como as assembleias que os organizavam. Destaca-se a página *“Pelotas na rua”* como articuladora destes encontros através da criação de eventos e cobertura midiática própria. Segundo Gerbaudo (2012), dentre as diversas formas que as mídias sociais são utilizadas pelos ativistas, pratica-se um jornalismo mais representativo, originado do próprio movimento, em antagonismo à mídia tradicional.

Indignação motivadora dos manifestantes foi o sentimento de não pertencimento à política nacional ou a sensação de não representação pelos políticos eleitos. Os espaços de contestação dos protestos operaram como locais de união onde os sentimentos dos manifestantes reverberaram. Para Castells: “Eles não têm uma reivindicação concreta, mas querem o reconhecimento da própria dignidade, pois as pessoas não se veem reconhecidas como pessoas ou cidadãos” (2013, p.4).

Esse ano emblemático também observou o surgimento de novos manifestantes nas vias de contestação democrática, entre eles, jovens e cidadãos sem vínculos partidários. Registrou-se a partilha das manifestações entre sindicatos, estudantes (membros ou não de organizações estudantis), lideranças políticas, cidadãos alheios às organizações partidárias, etc. Todavia, a união de diferentes atores sociais refletiu a eclosão de pautas diversas. Conforme Gohn (2014), a ausência de estratégias, pautas comuns e lideranças definidas contribuiu para a fragilidade das jornadas de protesto, tornando propícia a apropriação do movimento por parte dos setores conservadores da direita.

Ademais, observou-se a tramitação polêmica de Projetos de Lei no Congresso Nacional. O deputado Marcos Feliciano, causou revolta ao propor o projeto popularmente conhecido como *“Cura Gay”* o qual, de acordo com os manifestantes, carregava forte teor homofóbico. Em assembleia, no dia 23 de junho, foi votado que o segundo ato em Pelotas teria como chamada *“Fora Feliciano”*. O antagonismo entre setores conservadores de direita e os manifestantes e ativistas pelos direitos das minorias pode ser interpretado pelo conceito de *guerras culturais*, “perversos e prolongados conflitos democráticos, no interior da política, entre grupos sociais que percebem suas visões de mundo como um fundamento mutualmente incompatível (SMITH, 2018, p.3).

#### 4. CONCLUSÕES

Em Pelotas, registrou-se um aumento de organizações que debateram perspectivas possíveis para políticas públicas, tais como coletivos feministas, de negros e negras, coletivos LGBT’s e de outras minorias. Estes permaneceram em atividade nos eventos que sucederam às jornadas: na Primavera Feminista de 2015, nas manifestações pró e contra ao impeachment da Presidenta Dilma em

2016 e nas campanhas “*Fora Temer*”, a partir de 2016. Muitos destes coletivos, inclusive a página “*Pelotas na rua*”, cessaram suas ações pouco tempo depois, configurando movimentos que duraram entre dois e três anos.

A cidade se destaca, no panorama nacional pela célere diminuição das passagens pelo então prefeito, Eduardo Leite (PSDB). Os ativistas entenderam este ato como uma tentativa de impedir futuras manifestações, o que é reforçado quando na metade do mês de dezembro de 2013, após seis meses da redução, o preço da passagem volta a subir para o valor inicial.

Finalmente, grande parte da discussão sobre mobilizações, movimentos sociais e cidadania é originário de produção acadêmica estrangeira; nesse sentido, faz-se necessária a análise cuidadosa das teorias que aderem à realidade empírica do caso brasileiro.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINGEL, Breno. Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de 2013. **Revista Insight Inteligência**. Rio de Janeiro, 43-51, 2013.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. IN: SEMINÁRIO FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, São Paulo, *apud* MATIAS, Alexandre. O ponto comum entre a praça Taksim e a Avenida Paulista. *Revista Galileu*, 12 de jun, 2013b, p.1-4

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama Pelotas. Acessado em 15 de setembro de 2019. Online. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>

IBOPE - 89% dos manifestantes não se sentem representados por partidos. Acessado em 15 de setembro de 2019. Online. Disponível em <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/89-dos-manifestantes-nao-se-sentem-representados-por-partidos/>

GOHN, Maria da Glória. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. IN: Caderno CRH, Salvador, v.27, n.71, p.431-441, maio/ago. 2014

Jornal Diário Popular, 2013

Página Pelotas na Rua. Acessado em 15 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pelotasnarua/>

SMITH, A. Mobilizing the People of God: How Religion is Changing Brazilian Democracy. **Cambridge University Press**, Cambridge, 2018.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. IN: Política & Sociedade, Florianópolis, vol.13, nº28, 2014.